



**CARRINHO DE PAPELEIRO: VOLUME VAZIO, VOLUME FURADO,
FERRAMENTA DA RECICLAGEM COMO FERRAMENTA DA ARTE NA CIDADE**

**WASTE-PICKER CART: EMPTY VOLUME, PERFORATED VOLUME, A
RECYCLING TOOL AS AN ART TOOL IN THE CITY**

Cristiano Souto Sant'Anna¹
Pesquisador independente
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

A partir de duas ações poéticas - Museu de Resgates (2019-2025) e Biblioteca da Vila (2023-2025)), realizadas em colaboração com os artistas e catadores de materiais recicláveis na cidade de Porto Alegre, Antônio e Jacson Carboneiro, perguntamos como o carrinho de papelero opera um dispositivo (Foucault) que se coloca em meio ao trânsito como objeto da arte. Partiremos de cinco relatos de ações realizadas ao longo dos seis anos para pensar embaralhamentos de lugares e de que modo o papelero, com seu carrinho, traz um estorvo que perfura o fluxo, engendrando outras linhas na cidade de Porto Alegre. Como isso opera e cria máquina contra máquina? Diante do carrinho, o aspecto que nos interessa olhar neste artigo é de modos de atravessar a cidade fazendo furos no trânsito e nas regras de circulação – e também no sensível - como ferramenta de trabalho da reciclagem e da arte.

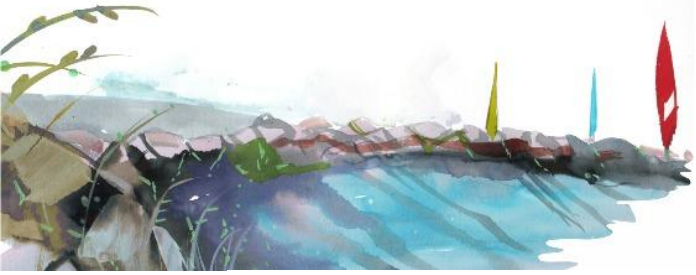
Palavras-chave: *Museu de Resgates; Biblioteca da Vila; Carrinho; Papelero; Dispositivo.*

ABSTRACT

Based on two poetic actions - Museu de Resgates (2019-2025) and Biblioteca da Vila (2023-2025) - carried out in collaboration with artists and recyclable material collectors in the city of Porto Alegre, Antônio and Jacson Carboneiro, we ask how the waste-picker's cart operates a device (Foucault) that places itself in the middle of traffic as an object of art. We will start from five reports of actions carried out over the course of six years to think about the shuffling of places and how the paper collector, with his cart, brings a hindrance that pierces the flow, engendering other lines in the city of Porto Alegre. How does this operate and create machine against machine? Faced with the cart, the aspect that interests us in this article is ways of crossing the city by piercing traffic and traffic rules – and also the sensible – as a working tool for recycling and art.

Keywords: *Museu de Resgates; Biblioteca da Vila; Cart; Waste-picker; Device.*

Um carrinho de papelero



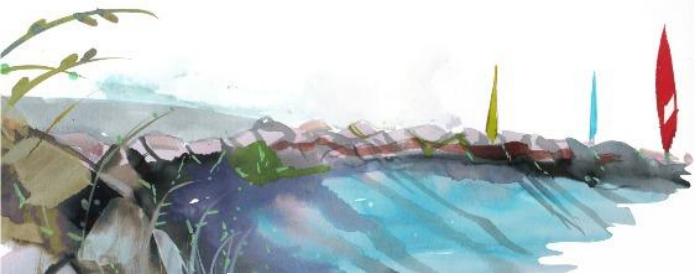
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Carrinho de papeleiro é a ferramenta de trabalho de catadoras e catadores autônomos nas cidades brasileiras, em Porto Alegre também. Quem mora numa cidade de porte grande ou médio deve estar acostumado com essas estruturas de ferro que são puxadas por homens e mulheres e carregam papéis, plástico, vidros, ferro. O carrinho é um objeto de pouca massa em relação ao seu volume. Há variações em cada lugar. Em Porto Alegre ele é feito com barras de ferro, geralmente recicladas, chamadas de varais, essas barras, varas, são soldadas entre si para formar uma caixa transparente que atravessamos com o olhar e deixa ver o que está atrás e além. Em torno de três metros de comprimento, dois de largura por um e meio de altura. Na frente, três ferros em forma de U, também soldados entre si e na estrutura-caixa, para permitir puxar e manobrar. Por baixo, um eixo e duas rodas. Geralmente rodas que ganham pneus usados de *Fusca* ou menores, de borracha, sólidos. Quando lotado, o carrinho ganha massa e se transforma em uma estrutura sólida, compacta, que se concentra nos limites de comprimento e largura, mas ganha o espaço em um empilhamento para o alto. Nessa hora é que a concepção de volume vazio ganha sentido. Os varais sem paredes possibilitam que o condutor-catador apoie os pés e suba como numa escada para organizar os materiais que se adicionam cada vez mais acima e ao longo do percurso na cidade. O papeleiro é também escalador.

Como sei disso? É que desde 2019 tenho convivido com dois amigos que atuam entre a coleta e a reciclagem, na Vila dos Papeleiros, em Porto Alegre: Jacson e Antônio Carboneiro. De lá para cá, estabelecemos um trabalho em colaboração dentro da arte fazendo fotografia, um museu de objetos resgatados das ruas² e, por último, uma biblioteca ambulante³. Antes dessa biblioteca, caminhamos com o carrinho e produzimos algo que denominamos *Dança do Carrinho*. O que esse objeto-ferro-carrinho-monstro aciona quando nos colocamos a dançar e fazer biblioteca na arte? Que disposições – de humor e de reorganização de espaços – ele enseja?

Relato 1: “eu queria te ver entrar no container”



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

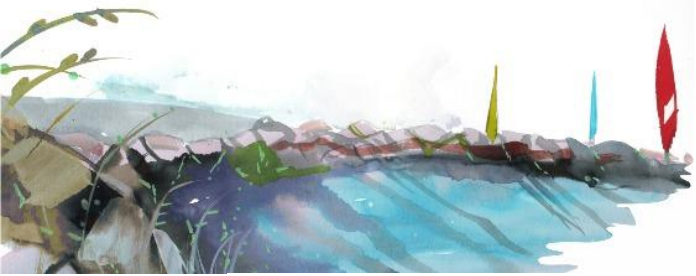
Conheci Jacson Carboneiro em janeiro de 2019. Filho de Antônio Carboneiro, líder comunitário da Vila dos Papeleiros, em Porto Alegre, papelheiro, Jacson trabalhava como catador de resíduos sólidos. Puxava carrinho na cidade já a mais de dez anos. Estabelecemos uma rotina que chamamos de escambo. Eu ensinava fotografia, Jacson me apresentava as técnicas básicas de conduzir o carrinho no trânsito.

Com ele aprendi que estacionar o carrinho ao lado do container, na via, é muito mais seguro do que junto ao meio fio (Imagem 1). Isso te deixa em uma situação menos vulnerável para entrar e sair do container enquanto os carros passam. O carrinho funciona como um cone gigante. No meio do trânsito, os carros se desviam. Na verdade, nem aprendi muito. Ainda hoje, quando saímos juntos, a tensão e pressão que os carros causam em mim faz com que eu vá me direcionando para a calçada. Sempre correndo o risco de arranhar algum carro estacionado e com Jacson tendo que me reorientar a todo momento.



Imagem 1. Estacionamento do carrinho. Fotografia do autor. 2019.

Quando paramos para selecionar algo de dentro do container, há olhares de reprovação para nós que estamos remexendo o lixo e colocando na visão de todos o



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

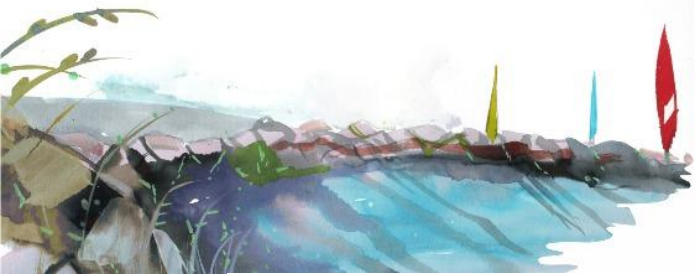
que estava escondido: uma mistura de garrafas pet, restos de comida, papel higiênico usado, embalagens de leite e ovos. Aquilo que consumidores não separam, catadores catam e reciclam.

Em uma de nossas caminhadas, fui reconhecido por alguém no momento exato em que colocava a cabeça para fora da lixeira. Uma colega de trabalhos em jornalismo, que conseguiu produzir um “oi Cris” um pouco trêmulo. A voz de quem, naquele lapso entre reconhecimento e estranhamento, ainda tenta entender se a situação é real. Puxar um carrinho de papeleiro na cidade é estar condenado a uma visibilidade invisível. Se o monstro de ferro é algo que não passa despercebido e exige desvios de quem guia automóveis, o olhar é sempre lateral, de canto de olho, nunca frontal. Acelera-se o passo e a velocidade do automóvel para seguir e se afastar.

Relato 2: a Dança do Carrinho⁴

Em 2021, fomos convidados para participar do V Simultaneidades: comunidades possíveis, nos dias 04 e 05 de dezembro, no Vila Flores (um centro cultural distante cinco quadras da Vila dos Papeleiros). Conforme o próprio evento anunciava em suas redes sociais, a proposta era “pensar processos coletivos de construção de uma sociedade mais colaborativa” (Vila Flores, 2021). No mesmo evento estiveram outras entidades da região: a Ocupação 20 de Novembro, um grupo de indígenas Mbya Guarani, a Ksa Rosa, um centro de reciclagem e cultura próximo do bairro centro. Todos integrantes de coletivos que pertencem ao território do 4° Distrito, na cidade. O encontro, no sábado e domingo, também tinha a perspectiva de discutir e propor alternativas para os movimentos de especulação imobiliária e gentrificação levados adiante por empresários, investidores e o poder público na região.

No domingo à tarde, havia uma roda de conversa da qual Antônio participaria. Combinamos de sair da VP (Vila dos Papeleiros) e ir juntos para o Vila Flores, caminhando. Propus a Jacson que passássemos no galpão e levássemos um carrinho. Um carrinho de papeleiro de verdade. Sugeri também que, já que íamos atravessar avenidas, envolvêssemos nossa escultura ambulante com duas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

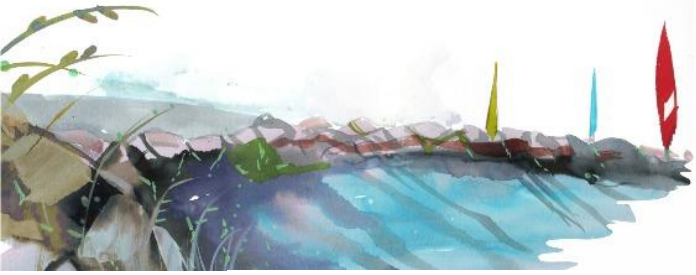
bandeiras vermelhas que tínhamos. Uma com a frase “Lixo na rua não tem dono” e outra “Largo a droga. Não largo a reciclagem.”. Duas frases ouvidas por nós em contextos diferentes de conversas com o pessoal da reciclagem.

Foi assim, como um outdoor ambulante vermelho que nos encaminhamos para a reunião da tarde (Imagem 2).



Imagem 2. Carrinho Escultura-bandeira-ferramenta se dirigindo ao Vila Flores. Fotografia do autor.

2021.

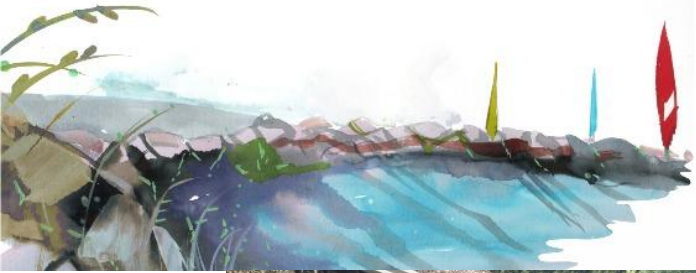


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Sáímos da Vila dos Papeleiros e atravessamos a avenida Farrapos. Depois de dez minutos de caminhada pela rua São Carlos, chegamos no Vila Flores. Nos identificamos para o segurança, que chamou alguém da organização para definir como entraríamos com o carrinho. Como o evento já estava acontecendo, com expositores, banquinhas de comida e feirantes, era difícil andar entre as pessoas para posicioná-lo no pátio central. Foi nesse momento que começou uma dança que permaneceria pelo resto da tarde. Um vai e vem com ajudantes pedindo passagem entre pessoas e barris de chope na entrada de automóveis do prédio.

Estacionamos no pátio interno. Apesar do acolhimento, percebia-se alguma dúvida sobre a organização – ou desorganização – espacial que aquele objeto gerava. Havia outras atividades acontecendo: bancas de artesanato, música. A ocupação daquele espaço central pelo carrinho não estava prevista. Depois da primeira manobra e curva para a entrada, pediram que deslocássemos um pouco mais para frente e em ângulo menos “atravessado” no pátio. Algum tempo depois, para a direita com o fim de abrir espaço para uma roda de conversa. Fomos interpelados a dar passagem a uma mesa, nova manobra. Assim foi, até que surgiu a sugestão de levar nossa escultura para dentro do galpão reservado para as exposições. A partir daquele momento, para alívio geral, nossa “escultura-bandeira-ferramenta” encontrava seu lugar expositivo, mas não sem antes atravessar toda a função e desviar o foco da roda de conversa que acontecia ao lado. Ele havia ficado das três às seis da tarde estorvando no caminho (Imagem 3).



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Carrinho no pátio do Vila Flores. Fotografia do autor. 2021.

O carrinho é como espaço dispositivo

Olhando aquela situação, percebo uma alternância naquele carrinho de um objeto expositivo para dispositivo e de novo expositivo. Há algo de exposição, como uma peça para ser vista quando colocada no centro do pátio do Vila Flores. Por outro lado, o carrinho atua como dispositivo que dispara um conflito que envolve o corpo, a necessidade de desviar-se, e a mente: como classificar isto que aí está?

Dispositivo: Que contém uma disposição (Houaiss, 2010, p. 265)

Espaços dispositivos são proposições do *Coletivo Contrafilé*, de artistas paulistanos que atuam no campo da arte participativa. Em uma proposição de 2016, *A Batalha do Vivo*⁵, em torno das ocupações das escolas públicas por estudantes



extremos

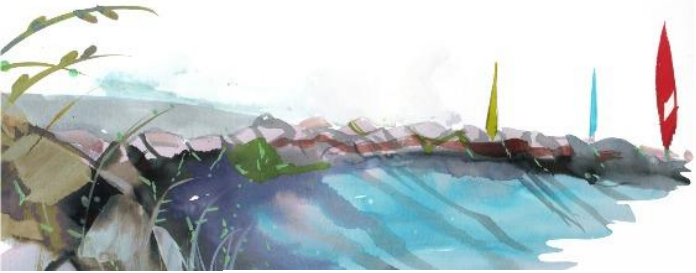
34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

secundaristas da cidade de São Paulo, o grupo propôs uma série de acontecimentos que envolveram a criação de ambientes com rodas de conversa, reuniões em torno de quadro verde colocado sobre o chão. A estes espaços chamaram Espaço dispositivo. Essa “instalação composta por diversos ambientes de trabalho, de diferentes naturezas” (Contrafilé, 2016, p. 11) exige de quem se encontra ali um estado de disposição, mas também se aciona como disparador de acontecimentos.

Segundo os membros do coletivo, “a exposição viabilizou a construção (...) de um Espaço Dispositivo dentro do museu – uma instalação composta por diversos ambientes de trabalho, de diferentes naturezas, que abrigou encontros com estudantes, educadores, artistas, pesquisadores, amigos e outras pessoas ativas no processo” (Contrafilé, 2016, p. 11). Um desses espaços criados foi a mesa-lousa, que consistia no gesto de tirar a lousa verde da sala de aula, da posição vertical e na frente da sala, para colocá-la deitada sobre uma mesa central com as pessoas à sua volta. Esse movimento sutil, que mexe com a espacialidade. Ao invés de estarmos todos olhando para frente e para nossas nuças, em roda, olhamos a lousa que está no centro e uns aos outros. “O problema não está na presença da lousa no espaço escolar, mas no ‘como’, durante esses séculos, professores e estudantes a ocuparam e ocupam-se dela” (Ibid., p. 33). Dispor de uma forma diferente, inverter, torcer, dobrar a espinha para olhar de outro ângulo, embaralhar. Quando ficamos em volta da lousa acabamos nos olhando. Quando o carrinho se coloca no centro não podemos ignorar a presença dele.

Relato 3: caminhar no centro como Biblioteca da Vila⁶

Saímos da VP às sete da manhã para fazer o caminho até a Casa de Cultura Mario Quintana⁷. Íamos participar do evento Virada Sustentável⁸. Levávamos a Biblioteca da Vila: nosso carrinho de papaleiro, o mesmo que usamos como porta estandarte no Vila Flores, adaptado com prateleiras, caixas com livros e placas de identificação para se transformar em uma biblioteca ambulante. Caminhada relativamente tranquila em terreno asfaltado e plano. Jacson, eu, Marco Antônio (sobrinho de



extremos

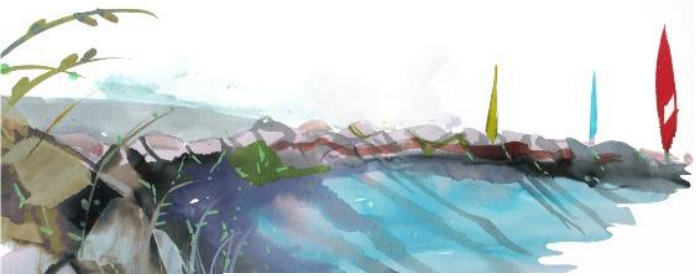
34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

Jacson) e Antônio fomos puxando o carrinho enquanto um amigo, Leo Caobelli, fazia registros fotográficos (Imagem 4).



Imagem 4. Carrinho Biblioteca da Vila em frente à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Fotografia Leo Caobelli. 2023.

A primeira parte do percurso foi feita com relativa facilidade: por avenidas largas, uma parada no posto de gasolina para encher os pneus, até acessarmos a rua Voluntários da Pátria, já na região central. Ali tivemos que ir pelo corredor dos ônibus. A rua, na verdade, se resume ao caminho para que os ônibus cheguem ao terminal do centro, cercada de comércio popular e vendedores ambulantes. Acostumados a atrapalhar o trânsito e parar na contramão, Jacson e Marco Antônio não se importam com a situação. Apenas eu estava tenso olhando para tudo, Leo fotografando com uma curiosidade de documentarista e Antônio, que é cadeirante, já havia ido na frente para nos esperar na Casa de Cultura. Puxamos um objeto colorido, amarelo e vermelho, com a placa Biblioteca da Vila e quem saía das lojas olhava com curiosidade para nós. Motoristas acenavam, alguns fazendo sinal de positivo. Outras pessoas fotografaram com celulares (Imagem 5). E isso foi me fazendo relaxar. Até que percebemos que um dos pneus estava inchando. A roda



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

havia se partido em duas com o peso dos livros. Jacson já tinha avisado que elas não eram fortes o suficiente e ficou contrariado. Manobramos o carrinho para a calçada e sentamos no meio fio. Eu ouvindo as reclamações dele e esperando que se acalmasse. Marco Antônio ria de tudo, ele sempre ri. Ficamos eu e Leo ali, fumando um cigarro e guardando a Biblioteca, enquanto os dois voltavam para a Vila em busca de um step (Imagem 6). Meia hora depois já estávamos em caminho novamente. O resto foi feito com relativa tranquilidade: Mercado Público, mais fotos dos passantes, Prefeitura Municipal, Praça da Alfândega, rua dos Andradas e a entrada da Casa de Cultura Mario Quintana. Algum desvio entre outros expositores da Virada Sustentável, manobras para passar pelas portas do prédio e nos instalamos para abrir a Biblioteca no saguão.



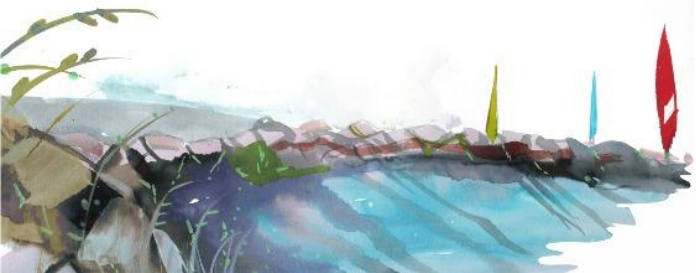
Imagem 5. Díptico Carrinho Biblioteca da Vila atrapalha o trânsito. Fotografia Leo Caobelli. 2023



Imagem 6. Carrinho Biblioteca da Vila esperando uma roda nova. Fotografia Leo Caobelli. 2023.

Relato 4: subir lomba para atender aos patrocinadores

Dezembro de 2023. Ganhamos o edital Kultur Goethe-Institut para realizar doze caminhadas com a Biblioteca da Vila pela cidade. Escolhemos quatro presenças na Praça Brigadeiro Sampaio, no centro da cidade, Escola Porto Alegre, para pessoas em situação de rua, e na própria Praça da Vila, no centro da VP. A contrapartida era uma tarde em frente ao Goethe-Institut. É importante saber que a geografia de Porto Alegre é rica em morros. A VP fica próxima ao lago Guaíba, uma região propensa a alagamentos de tão baixa, e o Goethe-Institut, no alto do morro. Entre nós, a ligação pela rua Doutor Vale, o maior aclive da cidade. Não havia alternativa. Tínhamos que puxar carrinho lomba acima. Em meio ao trânsito, parando para descansar a cada cinco metros, revezando-se entre Jacson e Marco Antônio (que foi chamado para ajudar) e com uma fila de carros atrás, procurando espaço para desviar e passar. Três quadras infinitas que foram vencidas ao fim de quarenta minutos (Imagem 7). Os motoristas mais distantes buzonavam sem saber o que acontecia. Logo que passavam, olhavam com espanto para a estrutura colorida com a placa Biblioteca da



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Vila. Algum respeito em meio ao espanto. Em algum momento, pelo ângulo da subida, uma caixa de livros caiu e teve que ser recolhida do caminho.



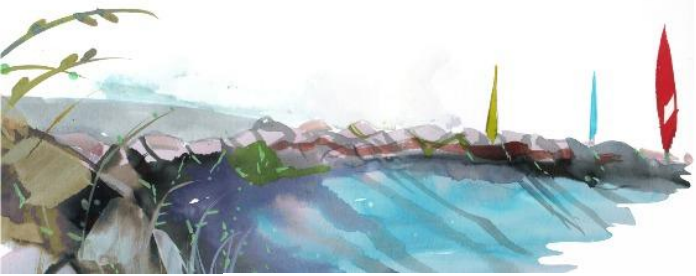
Imagem 7. Carrinho Biblioteca da Vila subindo lomba. Fotografia do autor. 2024.

O carrinho é como dispositivo

O dispositivo, esse conceito desenvolvido por Michel Foucault, em *Microfísica do Poder*, para olhar as relações de poder é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. (Foucault, 2023, p. 364)

Essa heterogeneidade que, parece, implica uma série de atores – o dispositivo e os viventes, muitos viventes – é pensada a partir de categorias amplas em Michel



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Foucault: a sexualidade, a prisão. Parece não poder se aproximar da *Biblioteca da Vila*, pequena, local, situada e limitada. Ou pode? *Biblioteca* como instituição, carrinho como organização arquitetônica com à qual nos relacionamos, nossos regulamentos e leis de conduta, que admitem todos os livros, a troca, o empréstimo, a doação e o esforço de sempre deslocar puxando o carrinho, nossas medidas administrativas de ter como possibilidade guardar os livros espalhados nas nossas casas, proposições filosóficas, morais, filantrópicas: livros circulando. O dito esquematicamente, o não dito se enredando. Carrinho e biblioteca como seres sociais. Algo que faz parte de um dispositivo (mesmo que não saibamos qual seja), mas que pode se apresentar como um outro dispositivo. Quando se aproximam, pode haver uma disposição acionada nele, a partir dele, no encontro entre carrinho-arte-cidade. Algo pode estar acontecendo que é diferente de carrinho-reciclagem-cidade. Imanente a cada novo encontro.

O filósofo Giorgio Agamben, em seu *O que é o contemporâneo?* (título do primeiro ensaio do livro, seguido de *O que é um dispositivo?* e *O amigo*), relaciona o contemporâneo, dispositivos e amigos em três textos. Essa aproximação ajuda a pensar o que é isso que fazemos hoje de criar uma biblioteca que pode ser pensada, quem sabe, como um dispositivo de fazer contato entre pessoas. Para Agamben, dispositivo é

[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (Agamben, 2009, p. 40)

O que temos ao olhar as cidades, diz Félix Guatarri, em *Caosmose*, é que “são imensas máquinas [...] produtoras de subjetividade individual e coletiva” (Guatarri, 2012, p. 152). Talvez o carrinho-biblioteca, o carrinho-bandeira, o carrinho-catador sejam alguma forma de “organização arquitetônica” – ou objeto que reorganiza a arquitetura -, com alguma força de reorientação.



Ele tem luz (visível e invisível). Enuncia quando passa na confusão entre carrinho de papaleiro e biblioteca.

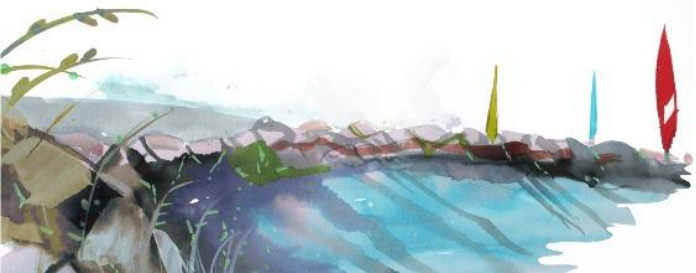
Desde a primeira vez que saímos para a rua com a *Biblioteca* a pergunta sempre foi a mesma: o que faz um carrinho de papaleiro circulando como biblioteca? O que aciona uma ferramenta de trabalho da reciclagem usada como ferramenta da arte na cidade?

Observo sempre a reação das pessoas, porque Porto Alegre impõe todas as restrições ao trabalho de catadoras e catadores⁹. De repente circulamos sem ser incomodados pela fiscalização e com alguma simpatia de motoristas no trânsito. Por que a arte aqui se transforma em uma legitimação que a ecologia, sustentabilidade, reciclagem não podem nos dar? A arte legitima? Parece que sim. Não há nada na legislação que nos autorize a caminhar com a biblioteca. Na verdade, há tudo na legislação que nos proíbe circular com o carrinho de qualquer forma. A primeira vez que fomos para o centro da cidade, carregamos toda a documentação de nossa seleção como participantes da Virada Sustentável para o caso de sermos abordados. Entre arte e reciclagem, talvez a fiscalização não queira se incomodar com algo que não se sabe bem o que é.

O traçado duplo dos pneus, as linhas paralelas, produz outros desenhos, outras linhas na cidade. Linhas tortas e não perenes. Se fazem e desfazem na caminhada. Que memória é feita na passagem? O que atualizamos no choque entre nossa máquina livros-carrinho-ferro quando a trombamos na via urbana, ou quando as pessoas desviam no pátio do Vila Flores de bandeira-carrinho-ferro? Não como reciclagem, mas como arte.

O carrinho é como bicho

A primeira versão da biblioteca tinha dobradiças que permitiam que as prateleiras dos livros ficassem na posição horizontal para transporte e fossem levantadas para expor os livros. *Bichos* é o nome de uma série de obras realizadas na década de



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

1960 pela artista Lygia Clark. Esculturas em metal, articuladas por dobradiças, com “um circuito próprio de movimentos que reage aos estímulos do sujeito (...) o primeiro movimento (que você faz) nada tem a ver com o ‘Bicho’, pois não pertence a ele” (Clark, 1960), anota a artista em seu caderno¹⁰.

Logo abandonamos as dobradiças. As crianças da rua se penduravam para brincar e acabavam quebrando, as prateleiras iam batendo ao vento no caminho. Optamos por ripas de madeira que sustentam as peças. O que ficou de um *Bicho* foi o movimento interdependente das partes da *Biblioteca* quando abertas nos lugares. Como ela se desmonta, desdobra do carrinho para se montar no espaço. A cada vez, dependendo do contexto, do público, de um jeito diferente.

Relato 5: a Biblioteca da Vila se desdobra e dobra

A Biblioteca é composta de livros, placas de identificação - com os dizeres Biblioteca da Vila, empréstimos, doações, trocas -, um elefante de pano, um mapa do Brasil, dois bancos, três prateleiras, duas ripas de madeira, caixas de fruta para guardar os livros. Esses objetos variam. Às vezes se adiciona alguma pintura, uma escultura, uma sacola. Ao chegarmos nos lugares, tudo é retirado de dentro do carrinho e se espalha em volta (Imagem 8). Na Casa de Cultura um dos bancos passou a ganhar a função de descanso para mães com seus filhos e também para uma melhor de um show que acontecia do lado de fora. A Biblioteca também serve de apoio para guarda-chuvas. Liberando as mãos para folhear livros. No fim do dia, tudo volta para dentro. O banco, que já se encontra andando pelos corredores e pela rua, quase esquecemos (Imagem 9).



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 8. Carrinho Biblioteca da Vila se desdobra na Casa de Cultura Mario Quintana. Fotografia Leo Caobelli. 2023.



Imagem 9. Díptico Banco e Guarda-chuva. Fotografia do autor. 2023.



O carrinho é como novelo

Naturalmente ninguém perderia tempo em tais estudos se não existisse realmente um ser chamado Odradek. Seu aspecto é o de um carretel de linha, achatado e em forma de estrela, e a verdade é que se parece feito de linha, mas de pedaços de linha, cortados, velhos, emaranhados e cheios de nós, de todos os tipos e cores diferentes. Não é apenas um carretel; do centro da estrela sai uma hastezinha e nesta se articula outra em ângulo reto. Com a ajuda desta última de um lado e um dos raios da estrela do outro, o conjunto pode ficar em pé como se tivesse duas pernas. (Kafka, 1999, p. 73)

A partir das reflexões de Michel Foucault sobre o poder, Gilles Deleuze vai pensar que o dispositivo pode ser um novelo. “Um novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas” (Deleuze, 2016, p. 1)¹¹. É na relação dos seres viventes com esses novelos que o sujeito aparece. Ilusão de liberdade, nossas subjetividades seriam, em grande medida, resultados de emaranhados de linhas de forças, de poder. Mas é justamente essa subjetivação que pode se voltar contra o próprio dispositivo. Gerando outro dispositivo? Outro emaranhado. Outro novelo. Como novelo, a *Biblioteca* aciona discursos confusos sobre literatura, leitura, identidades intelectuais, carroceiros. Ela produz uma subjetividade outra que a do papeleiro que puxa um carrinho na cidade para reciclar. É o bibliotecário quem puxa carrinho, para desemaranhar o novelo fio a fio. Não sem tencionar todos a cada um que puxa. E novelar outros.

Nessa subjetivação que acontece na dinâmica vivente-dispositivo, somos criadores – “subjetivadores”? É ela uma contra força que atualiza, nos atualiza, criando dispositivos outros?

Como as linhas do novelo do dispositivo (Deleuze) cada ponta puxada movimentada e reorienta sentidos no conjunto. Se ela está na praça aciona. Na galeria, aciona. Mas cada lugar como um dispositivo diferente. Disposta de uma forma ou de outra, a *Biblioteca* se comporta e aciona modos diferentes em quem se aproxima ou passa perto.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Quando se desenrola nos lugares, é um outro que se faz.

Por outro lado, não temos aqui uma massa compacta e opaca como o novelo. É também o carrinho de papaleiro um objeto mal-acabado, perfurado e que faz furo na cidade. Essa estrutura que se atravessa com o olhar, não reflete, deixa ver sempre o que está do outro lado, se abre para que outros se aproximem e coloquem um guarda-chuva pendurado na estrutura para liberar as mãos para livros, uma sacola no chão. O carrinho não tem opacidade, embora a opacidade de não responder à dúvida que permanece em quem quer respostas: papaleiro ou bibliotecário? O carrinho, objeto furado, se deixa atravessar pelo olhar e pelas mãos de quem se aproxima. Admite composições com o que está perto. Incorpora. Faz furo. Derrama pelo caminho (Imagem 10).

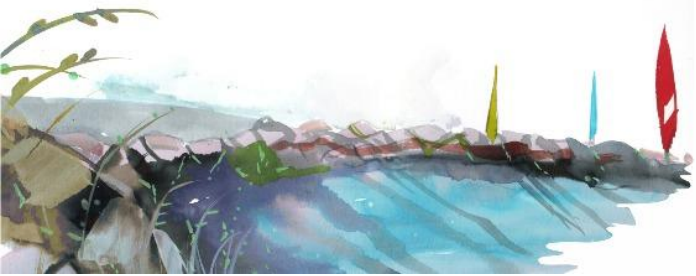


extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 10. O carrinho se prepara para sair de novo como Biblioteca da Vila. Fotografia do autor.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

¹ Doutor em artes visuais na área de Poéticas Visuais, na linha de pesquisa Linguagens e contextos de criação, no Programa de Pós-graduação em Artes visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do grupo de pesquisa Poéticas da Participação, da professora doutora Cláudia Zanata, na mesma universidade. E-mail: cristianoindicefoto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3018-5117> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5204591734646910>. Porto Alegre/RS, Brasil.

² O Museu de Resgates é uma iniciativa dos artistas e papeleiros Antônio Carboneiro, Cristiano Sant'Anna e Jacson Carboneiro. Fruto de 20 anos de trabalho coletando objetos nas ruas de Porto Alegre - pinturas, fotografias, câmeras antigas -, o museu tem sede na Vila dos Papeleiros e mantém a página de *instagram* @museuderesgates.

³ A *Biblioteca da Vila*, parte do *Museu de Resgates*, é uma iniciativa que surge do desejo de Antônio em ter uma biblioteca na Vila dos Papeleiros. Criada no final de 2023, já percorreu escolas, praças e centros culturais de Porto Alegre. Mais informações sobre as atividades podem ser acessadas no *instagram* @museuderesgates.

⁴ Esse relato é parte de uma elaboração maior publicada no artigo *A Dança do Carrinho: uma poética de pequenas cutucadas em contexto de colaboração em arte*, 32 Encontro Nacional da ANPAP, em 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668265-a-danca-do-carrinho--uma-poetica-de-pequenas-cutucadas-em-contexto-de-colaboracao-em-arte/> Acesso em: 05 jun 2025.

⁵ A partir da *A Batalha do Vivo* produziu-se um caderno/catálogo por ocasião da exposição *Playground 2016*, realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e SESC Interlagos. A publicação está disponível em <https://pt.scribd.com/document/359562034/A-Batalha-Do-Vivo-Grupo-Contrafile-secundaristas-de-luta-e-amigos> Acesso em: 03 mar 2025.

⁶ O relato completo encontra-se no artigo *Biblioteca da Vila: Imantação, Elasticidade e Incorporação*. Publicado em 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/129593509/ROTAS_RUTAS_II_Realiza%C3%A7%C3%A3o_Grupo_de_Pesquisa_Po%C3%A9ticas_da_Participa%C3%A7%C3%A3o_UFRGS_e_Laborat%C3%B3rio_de_Arte_e_Subjetividades_UFSM_Coordena%C3%A7%C3%A3o_Ci%C3%A1udia_Zanatta_UFRGS_Rosa_Blanca_UFSM_#loswp-work-container Acesso em: 05 jun 2025.

⁷ A Casa de Cultura Mario Quintana fica em um prédio histórico no centro de Porto Alegre. Inaugurada em 1990, originalmente sua construção sediou o Hotel Majestic (1933-1980). Fechado o hotel, passou por reformas para se transformar no centro cultural que leva o nome do poeta gaúcho que morou ali de 1968 a 1980. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/ccmq>. Acesso em: 03 jun 2025

⁸ A Virada Sustentável é um evento anual, que acontece em sete cidades brasileiras, patrocinado por empresas que atuam na área de produção de plástico, papéis, e que tem forte interesse econômico na cadeia de reciclagem. O evento de 2023 em Porto Alegre durou dez dias e ocupou vários lugares da cidade: centros culturais, parques e a orla do lago Guaíba. Caracteriza-se por propor ações que estão entre a sustentabilidade, ecologia, arte, cultura envolvendo artistas, grupos de dança, música e teatro. Nossa biblioteca foi selecionada dentro das atividades culturais. Um edital específico para “instalações artísticas”, com uma comissão de seleção, definiu dois projetos, um foi o nosso, para ocupar a parte interna do térreo da Casa de Cultura Mario Quintana ao longo de um final de semana. Nesse sentido, a Virada Sustentável se conforma a outras iniciativas culturais da cidade que trabalham dentro da perspectiva da economia da cultural, atuam dentro do sistema das artes e alguns dos seus pressupostos: produção, curadoria, museologia. Esse movimento cria valor. Se por um lado estamos na Virada Sustentável nos credencia como propositores, por outro temos que nos adequar a necessidades e projetos de um evento que vai além da nossa ação. Assim, a definição de onde, quando e como vamos estar presentes é sempre negociada. Detalhes sobre o evento podem ser vistos no site: <https://www.viradasustentavel.org.br/>. Acesso em: 03 jun 2025

⁹ Porto Alegre proíbe a circulação de papeleiros através de duas leis municipais. A lei ordinária n. 10531, que “institui, no município de Porto Alegre, o programa de redução gradativa do número de veículos de tração animal e de veículos de tração humana e dá outras providências” (Porto Alegre, 2008). Veículos de tração animal (VTAs) são as carroças puxadas a cavalos, já fora da cidade há muitos anos, e veículos de tração humana (VTHs) são os carrinhos de papeleiro que vemos pelas ruas coletando aquilo que deveríamos separar – e não fazemos – de dentro dos *containers* da cidade.

Além disso, consta do artigo 15 da Lei Complementar n. 728, de 2014, que “a coleta regular, o transporte e a destinação do resíduo sólido reciclável são de exclusiva competência do DMLU” (Idem, 2014). Traduzindo: a atividade de catador se tornou ilegal. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/2008/1054/> 10531/lei-ordinaria-n-10531-2008-institui-no-municipio-de-porto-alegre-o-programa-de-reducao-gradativa-do-numero-de-veiculos-de-tracao-animal-e-de-veiculos-de-tracao-humana-e-da-outras-providencias. Acesso em 03 jun 2024.



¹⁰ O caderno de anotações pode ser acessado em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59268/os-bichos>. Acesso em: 03 jun 2025.

¹¹ Originalmente escrito em 1990, aqui utilizamos a tradução realizada pelo site Escola Nômade. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 06 jun 2025.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CLARK, Lygia. **Os Bichos**. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/59268/os-bichos>. Acesso em: 23 março 2025.

CONTRAFILÉ. **A Batalha do Vivo**. Disponível em: https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a_batalha_do_vivo. Acesso em: 07 jun 2025.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 07 jun 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

GUATARRI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.

KAFKA, Franz. A preocupação do pai de família. In: **Um médico rural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PORTO ALEGRE. **Lei Complementar n. 728, de 08 de janeiro de 2014**. Institui o Código de Limpeza Urbana. Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-complementar/2014/73/728/lei-complementar-n-728-2014-institui-o-codigo-municipal-de-limpeza-urbana-revoga-as-leis-complementares-no-s-234-de-10-de-outubro-de-1990-274-de-25-de-marco-de-1992-376-de-3-de-junho-de-1996-377-de-3-de-junho-de-1996-591-de-23-de-abril-de-2008-e-602-de-24-de-novembro-de-2008-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 07 jun 2025.

_____. **Lei ordinária 10531, de 10 de setembro de 2008**. Institui, no município de Porto Alegre o programa de redução gradativa do número de veículos de tração animal e de veículos de tração humana e dá outras providências. Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/2008/1054/10531/lei-ordinaria-n-10531-2008-institui-no-municipio-de-porto-alegre-o-programa-de-reducao-gradativa-do-numero-de-veiculos-de-tracao-animal-e-de-veiculos-de-tracao-humana-e-da-outras-providencias>. Acesso em 07 jun 2025.

SANT'ANNA, Cristiano. Biblioteca da Vila: imantação, elasticidade e incorporação. In: ZANATTA, Cláudia; BLANCA, Rosa (org.). **Rotas Rutas II**. Santa Maria: Ed. PPGART, 2024. Disponível em:

https://www.academia.edu/129593509/ROTAS_RUTAS_II_Realiza%C3%A7%C3%A3o_Grupo_de_Pesquisa_Po%C3%A9ticas_da_Participa%C3%A7%C3%A3o_UFRGS_e_Laborat%C3%B3rio_de_Arte_e_Subjetividades_UFSM_Coordena%C3%A7%C3%A3o_Ci%C3%A1udia_Zanatta_UFRGS_Rosa_Blanca_UFSM_?auto=download. Acesso em: 07 jun 2025.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

_____. A Dança do Carrinho: uma poética de pequenas cutucadas em contexto de colaboração em arte. In: **Formas de Vida** – Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP. Fortaleza: Even3, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/668265-a-danca-do-carrinho--uma-poetica-de-pequenas-cutucadas-em-contexto-de-colaboracao-em-arte/>. Acesso em: 07 jun 2025.

Vila Flores. **Vila Flores**: rede social do centro cultural. Instagram: @vilaflorespoa Disponível em: <https://www.instagram.com/vilaflorespoa>. Acesso em: 07 jun 2025.